

COTIDIANO E BELICOSIDADE NA FRONTEIRA BRASIL URUGUAI: ANÁLISE DOS METAIS DA ESTÂNCIA VELHA DO JARAU

Diele Ilha Thomasi¹, Saul Eduardo Seiguer Milder²

1-Monitora do Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas – LEPA – da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM – Rua Silva Jardim, nº 2871, apto.:301, Dores, CEP97050-700 Santa Maria RS - diele@mail.ufsm.br

2-Orientador da Pesquisa – Professor do Departamento de História da UFSM e Coordenador do LEPA - Marechal Floriano Peixoto, 1184 (anexo) – CEP: 97015-372-Santa Maria –RS – milder@smail.ufsm.br

Palavras-chave: metais, tralha, fronteira e cultura material.

Área do Conhecimento: ciências humanas

Resumo

A equipe do Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas (LEPA) vem desenvolvendo pesquisas desde 1997 no sítio arqueológico Estância Velha do Jarau, localizado a 25km do município de Quaraí, que foi durante os anos de 1828-1905 um importante espaço de relações sociais e econômicas do Rio Grande do Sul, a estância possui também um importante papel nos conflitos travados na região fronteira do Brasil. Através da cultura material, mais especificamente os metais, esta pesquisa objetiva resgatar o cotidiano estancieiro. Para tal, as peças estão sendo submetidas a um processo de limpeza e conservação específicos, pois os metais advindos das escavações possuem, em sua maioria, um alto grau de oxidação. Após esta limpeza, é feita uma seleção do material em bom estado de conservação e que possa ser identificado quanto sua forma e função. Até o presente momento dispomos de dados parciais, entretanto é possível salientar a existência de peças que se relacionam ao militarismo, belicosidade e montaria característicos da região, além de artefatos utilizados nas tarefas domésticas comuns a toda estância.

Introdução

O sítio arqueológico RSQ-17 Estância Velha do Jarau esta localizado a cerca de 25km de Quaraí, na fronteira sudoeste do Rio Grande do Sul. A Estância foi um núcleo produtivo de gado, mas também serviu de moradia da família proprietária, além disso, serviu para a demarcação do território brasileiro, pois foi um marco representativo da presença brasileira na região Segundo Gomes “A estância, tradicionalmente vista como um estabelecimento homogêneo, é igualmente repleta de diferenças tal como a paisagem da Campanha” [1]. É essa diversidade que o Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas (LEPA) tem encontrado através da cultura material, mais especificamente os metais, que apresentam uma grande variedade de peças, das mais diversas funções e formas, mas inseridas nas atividades comuns de uma estância.

A fundação da Estância é atribuída a Bento Manuel Ribeiro, segundo Pont, Bento Manuel “implantou sua Estância, ao pé do Serro do Jarau- hoje campos do Dr. Aldo Guidice - aí constituiu-se como marco vivo da demarcação de nossa fronteira, quando tudo era ainda incerto” [2]. Bento Manuel Ribeiro foi um militar atuante nos diversos conflitos da região fronteira do Brasil, esse caráter militar da estância esta bastante presente na cultura material.

Além de marco nos conflitos, a estância foi um estabelecimento produtor de gado e cavalos, segundo Pont “diziam que nela cabiam mil cavalos de uma só vez”[2]. Tendo, a estância, dentro deste aspecto, uma grande contribuição para o setor econômico do estado. Variadas relações sociais estabeleceram-se nela.

Objetivos

Esta pesquisa tenta resgatar o cotidiano da estância, as diversas relações sociais

estabelecidas nela e as ligações que foram se firmando entre a Estância Velha do Jarau e todo o contexto brasileiro e fronteiriço em que estava inserida.

Metodologia

A metodologia de limpeza e tratamento dos metais busca uma melhor visualização das peças, assim como preza pela preservação.

Os metais, devido a sua grande possibilidade de oxidação, necessitam passar por um processo de limpeza e conservação bastante específicos.

O processo de conservação do material inicia-se já em campo, tendo um grande cuidado com o acondicionamento do material.

Também durante as escavações, teve-se a prática de expor o material ainda envolto em terra úmida ao ar e com isso proporcionar a evaporação da umidade que é extremamente prejudicial à conservação do material.

Em laboratório, o material passou por um processo de limpeza e conservação específicos, esse processo denominado de limpeza mecânica [3] por Gomes, consiste em retirar delicadamente a crosta de terra e o material oxidado com lixas finas, escovas de cerdas macias e instrumentos que permitam uma raspagem delicada e atenta da crosta. O material é submerso em óleo diesel com o objetivo de facilitar o desprendimento da crosta, além de manter o material lubrificado. Para a catalogação e numeração foi utilizado o nanquim branco. Após essa limpeza o material é acondicionado em caixas com blocos de isopor de modo que as peças fiquem acomodadas de maneira que a fragmentação e decomposição sejam evitadas.

Para se realizar as análises, é feita uma primeira seleção das peças que estejam em um bom estado de conservação e que possam ser identificadas.

Em um segundo momento as peças foram divididas por “tralhas” como proposto por Gomes, Cezar e Milder “A designação “tralhas” na abordagem sobre os metais refere-se a objetos que não possuem mais um valor utilitário, mas quando recuperados em escavações retornam a sociedade como documento arqueológico.”[3] Os objetos foram divididos em tralha bélica, doméstica, construtiva, indumentária, eqüestre e o grupo

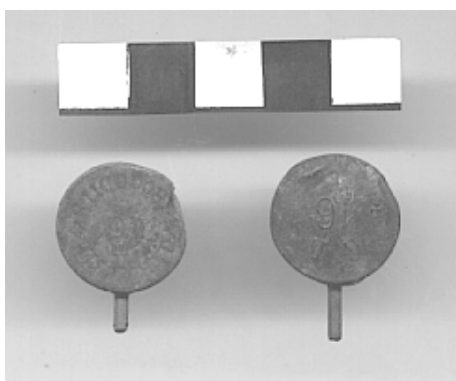
das ferramentas. Algumas peças ainda não foram inseridas em um grupo específico.

Entende-se por tralha bélica aqueles artefatos que se relacionam com o militarismo, com os conflitos armados e aquelas atividades que envolviam a utilização de armas brancas ou de fogo, tais como a caça. Na tralha doméstica encontra-se todas aquelas peças que faziam parte do cotidiano doméstico daqueles que viviam na estância. A tralha construtiva é composta de peças utilizadas na construção das edificações. Na tralha indumentária encontram-se as peças relacionadas às vestimentas, na eqüestre, as peças que foram utilizadas na atividade de montaria e trato dos animais. As ferramentas são aquelas peças utilizadas nas atividades laborais e cotidianas que não se realizavam dentro do espaço doméstico, como a agricultura.

Resultados parciais

Da primeira seleção obteve-se um grande número de peças que não puderam ser identificadas, tanto por suas condições de conservação como por não poderem ser identificadas. O material não identificado é composto basicamente de arames retorcidos, chapas metálicas e pequenos fragmentos.

No segundo momento as peças foram separadas por tralhas, a tralha bélica foi composta por 15 cartuchos não identificados, 2 cartuchos de pistola não identificada, 10 cartuchos de fuzil, sendo 6 de festim, isto se justifica, pois o local do sítio arqueológico já foi utilizado pelo exército brasileiro para treinamento, 2 projéteis, 1 bainha de baioneta, 1 ponta de bainha de sabre, 1 cabo de revólver e 2 cartuchos de fuzil Lefauchaux, este fuzil de origem francesa começou a ser produzido em meados do século XIX, período de intensa ocupação da estância [4].



cartuchos de lefauchaux-tralha bélica

Na tralha doméstica obteve-se 7 fragmentos de panela, 1 deles é uma borda que foi reconstituída e apresentou aproximadamente 32 cm de diâmetro, 2 garfos pequenos com 4 dentes, 1 garfo artesanal com 3 dentes feito de arames retorcidos, 1 garfo com 4 dentes, 1 colher pequena, 1 cabo de talher, 1 colher, 3 potinhos de unguento, 3 cabos de panelas, 1 cabo de frigideira, 1 bomba de chimarrão, 1 ferro de passar roupa, parte de um lampião e 1 espelho de fechadura de um pequeno baú. Os talheres segundo Algrant só se generalizaram tanto na coroa quanto no Brasil em meados do século XIX, eram “objetos raros, usados em grandes ocasiões, como o jantar oferecido a um alto dignitário da igreja”[5], no mesmo local de escavação encontrou-se um garfo artesanal, rústico e grosseiro, feito a partir de arames retorcidos, com três dentes e cerca de 22cm de comprimento, contrapondo a delicadeza e refinamento dos outros dois pequenos garfos, todos os garfos apresentam quatro dentes, exceto o artesanal, talheres com quatro dentes começaram a ser produzidos a partir de 1880 [6], data inserida dentro do contexto de atividade na estância. A colher pequena não tem mais que 7,5 cm de comprimento, também é bem rasa, sendo impossível utiliza-la para líquidos ou caldos, sendo mais provável que fosse utilizada para adoçar ou servir pequenas porções de doces. Outra colher encontrada no sítio apresenta maior profundidade, sendo possível utiliza-la para líquidos.



talheres-tralha doméstica

Tralha bélica	Tralha doméstica
15 cartuchos	7 fragmentos de panela
2 cartuchos de pistola	2 garfos pequenos
10 cartuchos de fuzil	1 garfo artesanal
2 projeteis	1 colher pequena
2 cartuchos de fuzil lechuchaux	1 cabo de talher
1 bainha de baioneta	1 colher
1 ponta de bainha de sabre	3 potinhos de unguento
1 cabo de revólver	3 cabos de panela
	1 cabo de frigideira
	1 bomba de chimarrão
	1 ferro de passar roupa
	parte de um lampião
	1 espelho de fechadura de um pequeno baú
Total 33 peças	Total 23 peças

Tabela 1-tralha bélica e doméstica

A tralha construtiva é composta por 4 dobradiças, 1 trinco de janela, 2 trancas de porta, 502 pregos cilíndricos, 12 parafusos, (1 com porca), 203 cravos, alguns pregos e cravos apresentam-se retorcidos ou tortos. Os cravos e pregos retorcidos podem sugerir que continuaram na madeira em que foram utilizados, com a deterioração da madeira, pelo tempo ou por um incêndio, por exemplo, os pregos e cravos continuaram no local em que foram utilizados.

A tralha indumentária é composta por 2 grandes ilhoses, 11 fivelas, sendo 3 de tamanho grande e 1 insígnia, provavelmente militar, com a inscrição PATENT e o desenho de uma pequena coroa e a inscrição V.R. As

3 fivelas maiores provavelmente eram utilizadas em cintos, devido as suas dimensões.

Tralha construtiva	Tralha indumentária
4 dobradiças 1 trinco de janela 2 trancas de porta 502 pregos 12 parafusos 203 cravos	2 ilhoses 11 fivelas 1 insígnia militar
Total 724 peças	Total 14 peças

Tabela 2-tralha construtiva e indumentária

A tralha eqüestre se constitui de 3 ferraduras, 1 ferradura de mula, 1 estribo, 1 estribo feminino, 4 esporas, 5 pinos de espora e 1 roseta. Acredita-se que o estribo seja feminino devido ao seu pequeno tamanho e por possuir uma decoração rebuscada, a ferradura de mula apresenta características específicas citadas por Shávelzon "Las herraduras de mula por lo general son diferentes, siendo más marcadas su forma al terminar los talones rectos e paralelos" [7].

Nas ferramentas encontram-se 1 arado com a inscrição NE... em um fragmento e ...ORK em outro, 1 pequena serra, 2 correntes, 1 com elos duplos e 2 chaves de alambrador. Ainda não conseguimos inserir em nenhuma divisão 5 relógios, 1 gaita de boca, 1 alça de balde 8 alças de latão e 4 argolas.

Tralha eqüestre	Ferramentas	Peças não inseridas
3 ferraduras 1 ferradura de mula 1 estribo 1 estribo feminino 4 esporas 5 pinos de espora 1 roseta	1 arado 1 serra 2 correntes 2 chaves de alambrador	5 relógios 1 gaita de boca 1 alça de balde 8 alças de latão 4 argolas
Total 16 peças	Total 6 peças	Total 19 peças

Tabela 3-tralha eqüestre, ferramentas e peças não inseridas

Considerações finais

Até o presente momento não dispomos de dados conclusivos, pois o processo de limpeza e conservação é demorado, até

agora apenas 40% por cento da coleção foi limpa, mas a partir dos dados parciais desta pesquisa já é possível observar uma grande variedade de peças, inseridas nas atividades cotidianas da estância, tanto dentro de casa, nas tarefas domésticas, quanto nas atividades do campo, como a agricultura e as atividades de montaria, tão freqüentes no Rio Grande do Sul, além disso, existe a presença de peças relacionadas a armamento e belicismo, objetos típicos de uma região conflituosa como a fronteira Brasil-Uruguaí.

Referências:

- [1] GOMES, Flamarion Freire da Fontoura, "Aspectos da Cultura Material e Espacialidade na Estância Velha do Jarau (1828-1905) Um Estudo de Caso Em Arqueologia Histórica Rural". Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 2001.
- [2] PONT, Raul, "Campos Realengos-Formação da Fronteira Sudoeste do Rio Grande do Sul", Porto Alegre: Renascença, 1983.
- [3] CEZAR, Ted Henrique da Silva, GOMES, Flamarion Freire da Fontoura, MILDNER, Saul Eduardo Seiguer, Know-how para tratamento químico de metais em arqueologia e leitura histórica dos artefatos arqueológicos de metal da guarda de São Martinho, Revista do CEPA, V.21, n. 25.
- [4] HOOG, Ian V. The Illustrated Encyclopedia of Firearms. Middlesex, England, Hamlyn, 2ª ed., 1980.
- [5] ALGRANTI, Leila Mezan, Famílias e Vida Doméstica, História da Vida Privada No Brasil, São Paulo, Companhia das Letras, 1997.
- [6] [http://gastronomia.oninet.pt/area temática](http://gastronomia.oninet.pt/area%20tematica) em 24 de julho de 2003.
- [7] SCHÁVELZON, Daniel. Arqueologia Histórica de Buenos Aires: la cultura material Portena de los siglos XVIII y XIX. Buenos Aires: Corregidor, 1991.